



Heyk Pimentaⁱ

Pássaro acrílico

o pássaro

acrílico

[o caratonelada
fibroso em bulbos no bico,
seu sorriso de sala]

conta os fios nas penas
..... estima quantos é por dentro
[atomatado dos gânglios de febre]

se enumera tantos,
tantos:

pássaro cáustico;
pássaro magnético;
pássaro vítreo.

tenta não ser menos
que um,
um só,
sem ninguém de nada

tão ronronando gato
tão caçando colo nas árvores, no sol
nos bichos
no próprio voo, perguntando o ar

o pássaro acrílico é o de qualquer preço
cumpre justo o itinerário das sementes do dente de leão
mas é estéril, não tem o trem de pouso

mudo

desafinou todas as notas

Túnel das traças

nas ampolas dos monges
na canção entusiasta dos gatos
no túnel das traças nos livros
está o aguardo rançoso dos corpos

são duas romas em chamas
suando seus poros de império

agarrado nos chifres e crinas de si
o fogo é o filho de amantes
forjado nas salas do mito

entre beijos de cinema

no vidro fino
que sonha com seus estilhaços
os monges se guardam
salivando as excrescências das intempéries da pele

o interior das ampolas narcóticas de descaminhos
tem nas gotas o algodão travesseiro do céu
as bicicletas flutuantes e enfim
as calamidades calcinantes do desejo

no veludo dos seus pés de riacho
os gatos voam os telhados de barro
enquanto o chão suspira a ausência dos pneus
os cacos nos muros tentam barricadas
aos gritos de tristeza incondicionais e altivos
que a lua emite pela boca dos felinos

e assim quer quem ama
corre descascando a tinta nas palavras
avançando os códigos e seus metros cúbicos
fazendo do papel, pó
dos limites do corpo, céu

Agora

hoje não tem beleza nenhuma na casa
nem potência nos retalhos da carne

você perto
do outro lado da linha
mas vou de silêncio
[como gostaria de querer garantir nenhum pio]
engolindo
no cansaço do meu último pacote de cigarros
papel e fumo
me deixando seco e fosco por dentro

como, agora que nossos piercings se encaixariam
meu peito esticado de burrice
no seu peito rosa sem desejo

agora que minha casa é casa
cabe você mil vezes
e tem lugar pras suas crenças nas revistas de decoração

agora que eu estou sem um centavo, com cem quilos de coragem
e meus lençóis emprestados
pra me agradar fazem laços
no hexágono exato do quarto -
minhas coisas também têm complexo de viralata

como, agora que deixei a barba
tento arredondar uns quilos
juro bicicletas e exercícios

agora que o desespero já não é estilo
que me fartam tantos quantos te faltam os motivos

como, agora que já vão duas estações inteiras
de você esgotada na praça

como foi resolver me atender,
se desculpar frouxa na cara lavada
e tocar fresca o domingo?

Barateando o preço

I

desejo
um grama de paz
pra esse peito aberto

os olhos de mel do gato
que pega moscas
no parapeito do edifício
sem cair

e a vegetação desimportante das paredes do meu bairro

a musculatura sentimental
dos que empunham serrotes
por anos
onde a inimizade que se faz com as tábuas
não é o último passo da prancha

por mais que só os dentes dos tubarões
saibam a hora de partir
não é deles que aprenderemos
o sossego

porque não somos cinco bilhões de toneladas de ar
que preenchem o silêncio
que nem são vazias
nem podem fugir de si
e no movimento eterno das correntes
se forjam
por esbarros
no atrito
e trabalham
para os barcos
aos moinhos
rodando dentro de si

mas ninguém disse que rodar é ser livre

II

por medo
o gato
já não come

estático
acompanhando por seus raios
as moscas
não concebe o próprio voo

e os ladrilhos
lado a lado
ignoram a verve veloz
e aerodinâmica
de que são dotados
do milímetro ao lixo
se empilham
a finco nos ossos da cidade
barateando o preço da vida

pois os especuladores
içam velas
do que já não serve

e expulsam dos próprios pulmões
o vento morno que navega os primeiros nós

como o anoitecer expulsa o sol
nas treliças da porta

e
esse vai
como ficam as pedras da prisão
por desconhecer
surdas
os gritos daquilo que edificam

mas imóveis também estão os cabos de energia, as
terminações nervosas da cidade
seu zumbido mudo

o papel de deus de cada poste

em cima de nós
folheando cadernos e livros

todos fixos

amando a dor
como quem
ama os filhos

ⁱ Heyk **PIMENTA** respondeu ao chamado da poesia de rua no Rio de Janeiro em 2007. Mesmo ano em que passa a trabalhar como assistente do editor Sergio Cohn, da Azougue Editorial. Desde então editou obras que estão no circuito oficial e alternativo, e publicou seis livretos e um livro de sua autoria, estes últimos todos piratas. Escreve o blog Entre Águas [heykpimenta.blogspot.com] e atua em diversas frentes do fazer literário.